

Cultura

Opinião

CARRILHO DA GRAÇA, UM ENCENADOR URBANO

João Vaz Pinto *

joaovazpinto@gmail.com

Carrilho da Graça: Lisboa apresenta os projetos lisboetas do homem que se considera «um arquiteto paisagista amador». E analisa os seus edifícios como «nós na paisagem».

Um hino à cidade que apaixonou desde sempre o arquiteto – poderia definir-se assim a exposição patente até 14 de Fevereiro na Galeria Sul do Centro Cultural de Belém. A geografia «barroca» de Lisboa, que Carrilho da Graça considera responsável pelo desenvolvimento de uma malha urbana complexa, é assumida como a grande musa da obra exposta.

Se, principalmente através de Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, a arquitetura portuguesa é reconhecida internacionalmente pela sua capacidade de desenvolver edifícios que dialogam profundamente com o território, adaptando-se e transformando-o, **Carrilho da Graça: Lisboa** apresenta o arquiteto de Portalegre como um dos expoentes máximos dessa cultura.

João Luís Carrilho da Graça iniciou a sua atividade profissional em 1977, logo após ter terminado a licenciatura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Hoje é, juntamente com os irmãos Aires Mateus, talvez o arquiteto do Sul de Portugal mais reconhecido, nacional e internacionalmente.

Carrilho da Graça foi capaz de desenvolver uma linguagem claramente portuguesa, mas profundamente pessoal. Se os irmãos Aires Mateus se destacam por uma arquitetura de objetos preciosos, de influência suíça, Carrilho da Graça, propõe uma arquitetura fortemente geométrica, composta de planos e linhas que se prolongam infinitamente na paisagem. Mais do que traçar edifícios finitos, que possam ser apreciados como peças isoladas, oferece espaços à cidade e à paisagem. Para ele, o programa é apenas um pretexto para desenhar urbanidade e território.

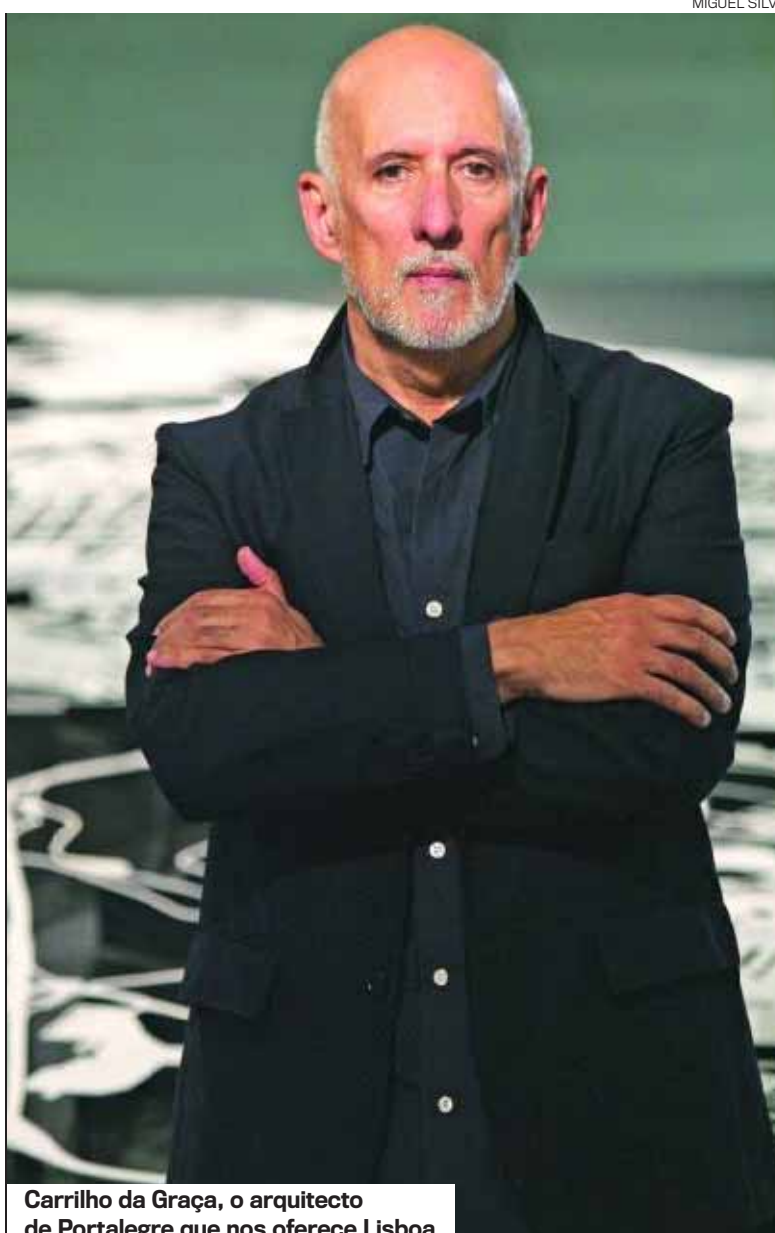
Definido como um arquiteto neorracionalista, com influências modernistas, neoplasticistas e construtivistas, João Luís Carrilho da Graça é na verdade um poeta de uma precisão tal que quase pode ser confundido com um cientista.

Trabalhar a matéria para definir o vazio

Como evidencia esta exposição, o seu processo criativo é sempre precedido de uma análise quase mecânica do território e da envolvente do projeto. Dessa análise surge invariavelmente um edifício que tem como coração, como alma, um espaço externo e marcadamente público. Carrilho da Graça encara a sua profissão como uma oportunidade para acrescentar riqueza ao espaço urbano. Os seus projetos são verdadeiros ‘nós’ no tecido urbano, na medida em que apanham balanço de todos os vetores e pontos notáveis da envolvente, para soltar no seu interior espaços incrivelmente dinâmicos.

Diz-se dos arquitetos que são poetas que trabalham a matéria para definir o vazio. Em Carrilho da Graça descobrimos um verdadeiro encenador do espaço público. Pratica uma arquitetura de linguagem muito simples, feita de

O arquiteto mostra uma capacidade brilhante para desenvolver cenários para a vida pública das cidades



Carrilho da Graça, o arquitecto de Portalegre que nos oferece Lisboa

paredes e pilares entendidos como elementos geométricos puros. Não opera como um escultor que escava matéria para obter um vazio: usa planos e linhas para criar tensões e direções que atribuem sentido e significado a um espaço pré-existente.

Carrilho da Graça: Lisboa ilustra na perfeição a relação do arquiteto com a cidade. Mas, uma vez que não entram no esco-

po desta mostra as particularidades de cada projeto, fica-nos o desejo de conhecer em detalhe cada um desses universos.

João Luís Carrilho da Graça possui uma capacidade brilhante para desenvolver cenários para a vida pública das cidades. A sua arquitetura provoca-nos e convida-nos ao movimento, à ação, a fazer parte do espaço. Através de muros abstratos, de presença ima-

terial, o arquiteto coloca em cena pessoas, árvores, animais, compondo um drama poético em torno dos acontecimentos mais banais do dia-a-dia da cidade.

Serve-nos de exemplo o percurso de entrada no Pavilhão do Conhecimento, no Parque das Nações. Doce movimento ascendente, acentuado por uma composição sequencial de planos que terminam no céu, e ritmado pelo murmúrio constante de uns repuxos de água que parecem dançar no centro da praça. Os seus espaços são sempre uma celebração da vida e uma procura da beleza poética do gesto humano.

Um mundo para lá do plano branco

A arquitetura de Carrilho da Graça é metafísica e misteriosa. O Centro de Documentação e Arquivo do Palácio de Belém, por exemplo, evoca os quadros de De Chirico. Aqui, um enorme plano branco que parece levitar compõe um jogo surreal com os elementos da paisagem. Por um lado, este plano serve de tela sobre a qual se clarificam as formas das árvores. Isoladas no espaço pela brancura da tela, elas existem em solidão. Por outro lado, este plano que se encontra suspenso por um embasamento negro parece engolir o jardim onde caminhamos. Este desaparecer do plano horizontal, associado ao recorte da paisagem que está para trás, e que sugere a existência de um outro mundo para lá do plano branco, oferece-nos um paradoxo emocional fortíssimo. O arquiteto mexicano Luis Barragán dizia que o mistério em arquitetura é a copa de uma árvore que se vê para lá de um muro, a sugestão de um mundo que não vemos e que por isso sonhamos. Carrilho da Graça tem essa lição muito bem estudada.

* **Arquiteto, trabalhou no ateliê do suíço Mario Botta**